



A (DES)CONSTRUÇÃO DA DOMINAÇÃO MASCULINA EM ROMANCES DE ADRIANA FALCÃO

Concísia Lopes dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ccslsantos@yahoo.com.br

RESUMO: A dominação do masculino sobre o feminino é tratada na obra *A dominação masculina* (2012), do francês Pierre Bourdieu, a qual demonstra esse fato no processo evolutivo histórico. Essa dominação, segundo ele, encontra reunidas todas as condições nas estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, com base na divisão sexual, do trabalho e dos papéis sociais de cada indivíduo. O estudo do sociólogo francês afirma que cada indivíduo faz suas escolhas influenciadas geralmente a partir do social e da força simbólica que age sobre ele. Assim, a dominação do homem sobre a mulher é legitimada. Adriana Falcão, escritora brasileira contemporânea, em alguns de seus romances traz essa questão que envolve homens e mulheres e a construção de seus papéis sociais. Suas personagens remontam modelos de comportamentos femininos ora distintos, ora semelhantes àqueles da mulher da família dominada pelo poder legitimado de uma figura masculina. O que se propõe neste estudo é procurar perceber de que modo essa construção do papel da mulher se realiza nos romances da autora. Dois foram os romances escolhidos para esta análise: *Luna Clara e Apolo Onze* (2002) e *Sonho de uma noite de verão* (2007). Trata-se de um estudo de literatura comparada.

Palavras-chave: dominação masculina; Adriana Falcão; *Luna Clara e Apolo Onze*; *Sonho de uma noite de verão*.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que durante muitos anos da história da Humanidade, mulheres e homens exerceram papéis sociais muito diferentes. Mas, o que vem a ser “papel social”?

Para a Sociologia, o papel social corresponde às diferentes funções e atividades exercidas pelos indivíduos de uma sociedade. Isso pressupõe os tipos de comportamentos considerados “adequados” a cada um desses indivíduos. Dessa forma são criados e divididos elementos e comportamentos conhecidos como “coisa de homem” e “coisa de mulher”.

Isso até pode parecer um assunto do século passado, mas não é. Essas divisões sociais do comportamento humano acabam desaguando nas questões de gênero, as quais são bastante discutidas e discutíveis na atualidade. Dentro desses estudos, o papel da mulher ainda é o mais estudado, uma vez que a desigualdade social de gêneros aponta mais prejuízos para essa figura social.

As diferenças sexuais sempre foram valorizadas pelas diferentes sociedades, por diferentes povos, de diferentes religiões, de diferentes tradições. Nas ocidentais, por exemplo, a mulher sempre foi associada ao pecado e à corrupção do homem, como pode ser observado na tradição



judaico-cristã (BROWN, 1990).

Do mesmo modo, a figura feminina sempre foi colocada como um ser mais frágil e indefeso, necessitando da proteção de um homem para mantê-la amparada e protegida dos problemas do mundo, fosse ele um pai, um irmão, um marido ou outro homem da família ou próximo a essa mulher. Isso deu origem ao patriarcalismo e ao machismo, o que sugeria a necessidade de uma tutela para a mulher antes e depois do casamento.

Um bom exemplo desse modelo patriarcal na literatura brasileira é o romance *Senhora*, de José de Alencar, escrito no século XIX, no qual Aurélia Camargo recebe um tutor até chegar o momento de seu casamento, depois de ficar órfã de pai e de mãe. Na ausência de um pai ou de outro homem na família, elege-se um tutor para “cuidar” dessa mulher até que ela encontre um novo “protetor”: seu marido.

O casamento, por sua vez, marca uma nova fase do papel da mulher: ela deixa de ser filha para tornar-se esposa e mãe, além de dona de casa. Não devemos nos esquecer de que o casamento para gregos e romanos da antiguidade era sinônimo de procriação (BROWN, 1990).

Nos momentos posteriores à Antiguidade Clássica a função do casamento não se modificou muito. As mulheres, na maioria das sociedades, continuaram sendo subordinadas aos seus maridos e à esfera privada. Eram mantidas dentro de casa, com a função de cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos.

As agitações sociais feministas que visavam modificar esse papel social das mulheres tiveram início em Paris. Deve-se observar que as mulheres francesas exerceram um papel público na luta pelos seus direitos, diferentemente das mulheres patriotas americanas, cujo papel sempre foi privado (GODINEAU, 1991).

A partir da Revolução Francesa a civilização ocidental parece descobrir que as mulheres podem ocupar um papel na cidade, momento em que se ousou politicamente a pôr em discussão a hierarquia dos sexos. As mulheres se deram conta de que eram capazes e que podiam falar por si mesmas, tornando-se indivíduos sociais e políticos (SLEDZIEWSKI, 1991).

Estamos tratando do modelo de sociedade tradicional, sem nos esquecer de que ele foi o que dominou (e domina ainda hoje) todo o ocidente. Mas mesmo esse modelo de sociedade tradicional é passível de transformações, como a que aconteceu a partir da Revolução Industrial e da ascensão do modelo de sociedade capitalista.

Com o surgimento dessa sociedade industrial, a mulher assumiu uma posição como operária nas fábricas e indústrias, deixando de ser o espaço doméstico o único local de seu trabalho diário.



Esse trabalho fora de casa, porém, não excluiu as tarefas domésticas que essas mulheres precisavam cumprir, além de seu trabalho nas fábricas.

Vários foram os problemas enfrentados pelas mulheres no trabalho industrial, principalmente ao se considerar o contexto difícil, com um regime de trabalho exaustivo no início do processo de industrialização e formação dos grandes centros urbanos e, em alguns casos, mesmo depois dele. Isso vem corroborar o que afirma Simone de Beauvoir (2002): não se deve considerar a mulher apenas como um organismo sexuado, uma vez que a consciência que ela adquire não é definida unicamente pela sexualidade, mas reflete a estrutura econômica na qual ela está inserida.

Deve-se considerar também que o papel exercido pelas mulheres também variava (e ainda varia) conforme sua posição social. Assim, para as mulheres pobres a realidade era (e é) uma, para as ricas, outra. Pierre Bourdieu (2012) vai defender que o *habitus* é determinado pelas condições de classe, podendo se referir a uma classe ou a um grupo. É o que faz a pessoa social, seu modo de fazer, sentir ou pensar as coisas. Isso poderia justificar o fato de as transformações sociais serem diferentes para mulheres (e homens) de diferentes classes ou mesmo de diferentes sociedades e culturas.

A passagem do século XIX para o século XX fez crescer o movimento feminista, que buscava igualdade de direitos sociais e políticos entre mulheres e homens. Felizmente a evolução tecnológica criou meios e mecanismos para que a mulher pudesse atuar nos mais variados setores da economia, o que permitiu a inserção feminina nos mais distintos ramos de trabalho, pesquisas e desenvolvimento das sociedades.

Pode-se dizer que a mulher hoje tem maior autonomia, maior liberdade de expressão, emancipou seu corpo, suas ideias e posicionamentos antes sufocados, mas ainda há muitas conquistas a serem realizadas. A mulher do século XXI deixou de ser coadjuvante para assumir junto ao homem o lugar de protagonista na sociedade.

Adriana Falcão em alguns de seus romances traz essa questão que envolve homens e mulheres e a construção de seus papéis sociais. Suas personagens remontam modelos de comportamentos femininos ora distintos, ora semelhantes àqueles da mulher da família patriarcal tradicional.

O patriarcalismo, neste estudo que se desenvolve, é trazido pelas ideias do filósofo e sociólogo francês Pierre Bourdieu (2012). O que se propõe neste trabalho é procurar perceber de que modo essa construção do papel da mulher se realiza em romances da autora. Dois foram os romances escolhidos para esta análise: *Luna Clara e Apolo Onze* (2002) e *Sonho de uma noite de verão* (2007). Trata-se de um estudo de literatura comparada.



2 O PODER DO MASCULINO SOBRE O FEMININO

A dominação do masculino sobre o feminino tratada na obra *A dominação masculina* (2012), de Pierre Bourdieu, demonstra como isso ocorre através do processo evolutivo histórico em determinadas sociedades patriarcais. Essa dominação encontra reunidas todas as condições nas estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, com base na divisão social, sexual e do trabalho.

Segundo Bourdieu (2012), a distinção biológica entre homens e mulheres costuma ser vista como uma justificativa natural para as diferenças socialmente constituídas entre eles. Tais diferenças biológicas são carregadas de simbolismos, como, por exemplo, a identidade masculina manter princípios diferentes da identidade feminina através das maneiras de servir ao corpo.

O estudo de Bourdieu afirma ainda que o indivíduo é dominado pela situação econômica. As situações política, cultural e social, entre tantas outras, também fazem parte dessa dominação, pois as pessoas fazem suas escolhas influenciadas geralmente a partir delas.

No que concerne à formação da identidade individual, Bourdieu explica que esta é oriunda do *habitus* de cada um dos elementos que formam o capital econômico, social, cultural e é a partir dessa individualidade que surgem as desigualdades. Por *habitus* devemos entender a capacidade de incorporação de uma determinada estrutura social pelos participantes dessa sociedade através do sentir, pensar e agir.

2.1 O PODER AFIRMADO PELO *HABITUS*: O CASO DE AVENTURA

Na literatura é possível observar exemplos ficcionais como esse *habitus* se constrói. Tomemos como exemplo o seguinte trecho do romance *Luna Clara e Apolo Onze* (2002), de Adriana Falcão:

Os dois cabeças-duras foram devidamente apresentados assim que o sol nasceu.

- Papai, Doravante. Doravante, papai.

- Muito prazer.

- O prazer é todo meu.

- Que língua é essa que ele fala, minha filha?

- Alíngua apressaque eutenhodemecasar com Aventurahoje ainda.

- Ele falou a palavra casar ou foi impressão minha?

Seu Erudito ficou muito desconfiado, é evidente, com aquele amor apressado e de repente.

Como é que a louca da filha ia casar assim com o primeiro que aparecia?

Aventura argumentou que Doravante não era só o primeiro, ora, era Doravante. E que, além disso, eles já tinham acumulado tantas tralhas, fatos, novidades, flores, pedras e bichos de estimação pelo caminho, que era natural que terminassem acumulando também amores.

Até que aquele Doravante aparentava ser um camarada direito.



- Mas pra que tanta pressa? – Seu Erudito não se conformava.

Às vezes, quando mulher bota uma coisa na cabeça vira um negócio impossível (FALCÃO, 2002, p. 38-39).

A personagem Aventura¹, apesar do nome que possui, não é tão aventureira assim. Observa-se que para realizar seu desejo de casar-se com o homem que escolheu, ela busca a aprovação de seu pai, Seu Erudito. A narração, apesar de contemporânea (considere-se que o livro foi publicado pela primeira vez em 2002), traz uma situação comumente vivida pela sociedade patriarcalista tradicional. O pai precisa aprovar o pretendente a marido de sua filha, para que se possa realizar o casamento, apesar de este dever ser de interesse apenas dos nubentes. Esse episódio do romance corrobora o que afirma Bourdieu acerca do corpo feminino:

Tudo na gênese do *habitus* feminino e nas condições sociais de sua realização, concorre para fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros (BOURDIEU, 2012, p. 79).

É o que ocorre com Aventura. Ela já absorveu a ideia de posse de seu pai sobre seus direitos, deveres e escolhas. Assim, ela aceita o que seu pai determina.

Todo mundo sabia que a estrada que ligava Desatino do Sul a Desatino do Norte era perigosa, passava-se pelo meio do mundo e pelo Vale da Perdição inclusive, e tal e coisa.

Por isso mesmo, Seu Erudito mandou Doravante ir na frente, ora, por causa do perigo.

Nada como um jovem forte, corajoso e sortudo para desbravar caminhos desconhecidos.

Mas teve também outro motivo.

Ele não queria carregar pelo mundo um aventureiro qualquer.

Só aceitava na família gente bem-intencionada.

[...]

Aventura é que não estava gostando nada de ficar lá sem seu marido.

- Fiquem quantos dias quiserem. Eu vou hoje com Doravante.

O cabeça-dura ainda tentou explicar para a filha os motivos da sua exigência, contando histórias de traições, mulheres abandonadas, sozinhas, enganadas, dramalhões, “é melhor perder logo um marido que não presta do que passar a vida enganada com ele”.

Como não adiantou argumentar, apelou para o berro:

- Não vai não senhora. Você vai ficar e tenho dito e pronto (FALCÃO, 2002, p. 40-42).

Como se vê, a obediência de Aventura às ordens do pai é tão grande que ela acaba ficando sozinha com ele e suas irmãs enquanto seu marido (e amor de sua vida) segue viagem antes, deixando ela para trás, apenas para provar ao pai dela que suas intenções eram verdadeiramente sérias.

¹ Um estudo sobre os nomes próprios no romance *Luna Clara e Apolo Onze* (2002) foi realizado na dissertação de mestrado **Luna Clara e Apolo Onze do arquivo ao repertório: o limiar de uma transescritura em Adriana Falcão**, defendida em 2010, de autoria de Concísia Lopes dos Santos, sob a orientação da Professora Doutora Ilza Matias de Sousa.



Pode-se considerar a atitude de Seu Erudito, pai de Aventura, como uma violência simbólica contra sua filha, uma vez que usa a autoridade de pai para fazer valer suas decisões e conveniências.

A dominação masculina deve ser entendida como uma forma particular de violência simbólica para com as mulheres, violência não no sentido da agressão física, mas sob uma forma de coerção no reconhecimento de uma imposição determinada - uma espécie de violência invisível – aceita pelos dois lados da relação.

Faz-se necessário saber descobrir essa violência onde ela se deixa ver menos, pois compreende a manutenção de um poder que se mascara nas relações, que se infiltra no nosso pensamento, tornando-se algo aparentemente natural, dissimulando as relações de força que sustentam a própria força, compartilhada quase que inconscientemente entre o dominador e o dominado, como explica Bourdieu:

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões de consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma (BOURDIEU, 2012, p. 49-50).

A força simbólica, por sua vez, deve ser compreendida como uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, quase como uma mágica, ao permitir obter o equivalente daquilo que é obtido pela força física ou econômica e só se exerce se for reconhecido. Significa dizer que ela acaba sendo ignorada, passa despercebida, sendo assim uma forma irreconhecível e legitimada por todos – homens e mulheres – na maioria das sociedades.

É o que acontece com Aventura. A força que seu pai exerce sobre seu corpo e suas escolhas é maior que sua própria vontade, suprimida em função da obediência que deve ao seu pai. Isto é, essa relação de dominação é vista por ela como natural, pois o dominado – Aventura - não deixa de conceder ao dominante – Seu Erudito. As mulheres concordam em geral com os homens, levando em conta a significação que sua imagem ou identidade representa. Aventura é filha, seu pai pode, portanto, determinar seus direitos e seus desejos.

3 O PODER DESCONSTRUÍDO PELA NEGAÇÃO DO *HABITUS*

Assim como é construído, o *habitus* também pode ser desconstruído em uma sociedade. No romance *Sonho de uma noite de verão* (2007), de Adriana Falcão, o poder patriarcal é desconstruído, dando lugar a um novo comportamento das figuras femininas. Nele, as figuras femininas invertem os lugares sociais ocupados pelos homens nas sociedades patriarcais, negam a força simbólica do poder masculino e tomam consciência do seu poder sobre seu próprio corpo.



Para mostrar como isso acontece, três personagens do romance foram escolhidas: Hera, Titânia e Hérnia.

3.1 O CASO DE HERA

Hera, como se sabe, é a esposa de Zeus, deus supremo do Olimpo. Mas esse papel de deus supremo se desfaz no romance de Adriana Falcão. No seu Olimpo quem manda é Hera.

- Dizem que no começo era o caos, mas caos, para mim, é isso aqui agora – irritava-se Hera.

Afinal, a principal vantagem de ser a grande deusa do Olimpo era mandar, o que lhe dava um prazer incrível.

Quando não conseguia enxergar uma forma nobre de exercer o seu poder, Hera inventava qualquer pretexto para dar ordens. Se não tinha uma boa ideia para um mandado, encomendava uma pesquisa, só para manter os súditos ocupados. (FALCÃO, 2007, p. 08)

Uma dessas pesquisas foi saber se gente existia. Eis o resultado:

Deu na pesquisa:

29% dos espíritos acreditam na existência de gente do outro mundo.

52% duvidam.

11% desconhecem a expressão “gente do outro mundo”.

8% se abstiveram de opinar. (FALCÃO, 2007, p. 07)

Esse resultado não satisfaz à grande deusa, o que provocou mais um mandado e uma enorme confusão no Olimpo e fora dele, na Terra.

Tão logo recebeu o resultado da pesquisa, Hera veio fazer queixa ao marido.

- Idiotas! Estúpidos! Desqualificados!

- Calma, querida!

- Odeio quando você fala “alma, querida”!

[...]

- Que tal elegermos uma assembleia de espíritos que façam suas próprias averiguações e cheguem às suas conclusões por eles mesmos?

- Não estamos numa democracia – foi a resposta de Zeus.

- Claro que não. Quem manda aqui sou eu.

E Hera decidiu então que a tal assembleia seria escolhida por meio de sorteio, e, para isso, conclamou o Olimpo inteiro (FALCÃO, 2007, p. 09-11).

Pelo diálogo entre Zeus e Hera percebe-se a força e o poder da deusa em relação aos seus súditos e ao seu marido. A queixa que ela faz ao marido apenas reforça o seu poder, uma vez que ela decide o que fazer, enquanto ele tenta tornar a situação mais tranquila. Hera decide o que e como fazer a investigação sobre a existência de gente.

No momento em que foi necessário resolver um grande impasse, é novamente Hera quem o faz:

Hera cutucou Zeus:

- Anda, homem de deus, resolve aí esse problema.

Ele ponderou, ponderou, ponderou e concluiu:

- Resolve você.

Então ela resolveu:

- Declaro assegurada a igualdade de direitos entre os seres de todos os gêneros,



credos, origens, raças e cores, incluindo todos os tons de lilás e verde, assim como sua irrestrita liberdade de ir e vir...

(Foi muitíssimo aplaudida.)

- ... desde que vão para onde eu quero e voltem quando eu quiser.

(Aplausos diminuíram drasticamente.) (FALCÃO, 2007, p. 14-15).

Poder-se-ia considerar uma não-voz masculina, uma vez que o próprio Zeus, deus dos deuses, tem sua voz calada por uma mulher, sua esposa. Os lugares são, então, invertidos. A mulher manda, enquanto o homem (e todos os súditos) obedece(m).

O poder masculino aqui não existe. Ele é suprimido pela mulher, a qual decide e realiza todos os direitos e deveres seus e de seus súditos. Hera faz valer seu título de grande deusa do Olimpo.

3.2 O CASO DE TITÂNIA

Titânia é a rainha das fadas, casada com Oberon, rei dos elfos. Essas duas personagens são famosas devido à peça de William Shakespeare, *Sonho de uma noite de verão*, escrita em meados de 1590. No romance escrito por Adriana Falcão, de título homônimo, essas mesmas personagens ocupam um papel diferente daquele da peça clássica.

A rainha das fadas mostra-se como uma mulher independente, de opinião muito forte, capaz de ter o poder sobre si mesma, apesar da tentativa da dominação de seu marido, o rei dos elfos.

A gritaria era grande, mas o grito de Oberon, Rei das Fadas, conseguiu ser o mais alto de todos.

- Mulher minha não sai sozinha pelo mundo!

Titânia pôs as mãos na cintura.

- Mas era só o que me faltava. Saio sim e vou aonde quiser.

- Não vai.

- Vou.

- Exibida!

- Invejoso!

- Safada!

- Machista!

E o casal brigava, e a plateia urrava e o Olimpo tremia (FALCÃO, 2007, p. 14).

A briga do casal na frente de todos os habitantes do Olimpo nos faz perceber o poder que Titânia demonstra sobre si mesma. O discurso de Oberon reflete o seu caráter: machista e dominador. A reação de Titânia reflete seu perfil libertário.

Na Terra, Titânia mostra-se ainda mais liberta dos padrões determinados pela sociedade patriarcal. No meio do carnaval baiano, ela envolve-se com um jovem, destruindo a ideia da mulher casada e fiel ao seu marido. Aproveitando-se de seu poder para tornar-se visível ou invisível, a rainha das fadas resolve aproveitar o carnaval acompanhada de outro homem, não do seu marido.

Era nisso que Flor de Ervilha vinha pensando, distraída, quando viu Titânia dançando com um belo rapaz, no meio dos Filhos de Gandhi.

Susto maior ela levou quando ouviu o que os dois falavam.

- A senhora vai me desculpar, mas é proibido mulher nesse bloco.

- Não faz mal. Ninguém pode me ver.



- Como assim se eu estou lhe vendo perfeitamente?
- Você só está me vendo porque eu resolvi aparecer para você.
- E é?
- E, acredite, não foi por acaso.
- Dá pra explicar melhor?
- É o seguinte: eu sou uma fada.
- A senhora aceita um *engov*?
- E, a partir de agora, você é meu pajem.
- Eu sou o quê, madame?
- Deixa para lá. Vem cá, vem.

A notícia se espalhou rapidamente entre os espíritos. (FALCÃO, 2007, p. 62).

Como se lê, o rapaz não compreende que está falando com uma fada, mas se deixa levar pelo momento e se envolve com ela. Uma das fadinhas, Flor de Ervilha conta o que viu aos outros da comitiva e, assim, a notícia chega aos ouvidos de Oberon.

Poder-se-ia considerar, também, que Titânia utiliza-se de um “direito” dado apenas aos homens nas sociedades patriarcais tradicionais: o adultério. Desse modo ela apropria-se daquilo que é comumente permitido aos homens, tornando-se igual a eles, inclusive quando sua traição é descoberta.

O rei xingava e acusava, mas a rainha não perdia a pose.

- Ele não é meu namorado, é apenas meu pajem.
- Ou você é besta ou está se fazendo passar por uma. É sabido que esse costume de colecionar pajens é peculiar às fadas, deuses ou reis, portanto as suas reais intenções para com o mortal são de outra ordem.

Mas ela insistia, ou porque era besta, ou porque estava se fazendo passar por uma, que a relação entre ela e o bonitão era apenas de pajem/ama, e, só para provocar mais um pouquinho se gabava:

- Nunca fui tão bem tratada antes.

[...]

E saiu a praguejar que Oberon sumisse da frente dela pelo resto da viagem, colocando um “por obséquio” na frase só para se passar por uma besta bem-educada (FALCÃO, 2007, p. 64).

Segundo Bourdieu, as expectativas de homens e mulheres em relação à sexualidade são diferentes. Para as mulheres trata-se de uma experiência íntima e carregada de forte afetividade, que não inclui necessariamente penetração, mas que pode incluir várias outras atividades. Já para os homens, a sexualidade é concebida como um ato, sobretudo físico, orientado para a penetração e o orgasmo.

Isso pode ser representado pelas figuras mitológicas do reino das fadas. Para Titânia, sua relação com o belo rapaz não incluía, necessariamente a penetração, importava-lhe o momento de afetividade, pelo menos naquela hora. Já o seu marido, Oberon, entendia aquilo como um ato apenas físico, que caminharia para a penetração e para o orgasmo, culminando com a traição também física por parte de sua esposa.



Ainda segundo o mesmo autor, se a relação sexual é entendida como uma relação social de dominação, é porque supõe-se a divisão fundamental entre masculino e feminino. O desejo masculino é entendido como desejo de posse, de dominação erotizada. Já à mulher caberia o desejo como o desejo masculino, de maneira subordinada, reconhecendo eroticamente essa dominação.

Titânia, porém, vai de encontro a essa dominação, em tom de insurreição e de provocação. Não se subordina ao marido, chegando mesmo a escolher outro parceiro. Assim ela nega o poder masculino e usa seu corpo livremente, considerando apenas aquilo que lhe interessa, satisfazendo-se, apesar da cultura na qual está inserida dizer outra coisa sobre os direitos das mulheres.

3.3 O CASO DE HÉRMIA

Hérnia, a linda filha de Egeu, para desgraça do pai, andava circulando aos beijos com Lisandro desde a semana pré-carnavalesca, o que deu muita margem para fofoca entre a vizinhança, as tias, as primas e os membros da Câmara dos Vereadores.

Como não tinha irmãos que dividissem com ela essa responsabilidade, a moça terminava sendo o único instrumento familiar que o pai poderia utilizar a seu favor em sua “luta pelos direitos do povo”, que era como ele chamava a sua vontade de ganhar a eleição.

[...]

- A namorada é minha e isso vai arranhar a nossa imagem! Quem vai querer votar num corno?

- Penso que se trata de um problema de cúpula. [...] (FALCÃO, 2007, p. 42-43).

Egeu, no *Sonho...* de Adriana Falcão, era naquele momento o presidente do PJJ, o partido político que havia sido criado por Teseu Avô e que naquela campanha estava investindo pesado na candidatura de Teseu a senador na Bahia. Egeu “se dizia um homem com vocação para as letras, prova disso é que já havia sido membro do PAB, do PBC, do PCD, e daí por diante” (FALCÃO, 2007, p. 41).

Isso explica o motivo da preocupação do pai com o novo namorado de sua filha. Sua preocupação, porém, não dizia respeito à felicidade de sua filha, mas a seus interesses políticos. Usava, para alcançá-los a única arma que possuía: a filha. O casamento dessa filha com Demétrio facilitaria suas conquistas políticas. “O ‘rapazinho que chegou com o velho’ atendia pelo nome de Demétrio, havia sido indicado como candidato a Deputado Estadual pelo PJJ, e também estava furioso” (FALCÃO, 2007, p. 42). Os interesses políticos de Egeu estavam acima dos interesses da família e da felicidade de sua filha Hérnia:

Numa discussão digna de gente, cheia de certezas e enganos, estabeleceu-se a confusão.

O velho se atribuía a competência de arranjar o homem mais adequado para a filha. A moça insistia – não tinha nada a ver com PMN, nem PJJ, nem coisa nenhuma.

Pretendia votar nulo.

Estava apaixonada.



Era dona da sua vida.
(FALCÃO, 2007, p. 43-44).

Hérnia, assim como fazem Hera e Titânia, não se subordina à dominação masculina. Ela enfrenta seu pai, defende seus interesses e vontades, tornando-se independente do papel social que lhe é atribuído: a filha que deve obedecer às ordens do pai. Não lhe interessa os deveres de filha nem os supostos deveres políticos que o pai lhe determinava.

Segundo Bourdieu, esses deveres e essa subordinação dos filhos e filhas em relação ao pai devem-se à reprodução das divisões dos gêneros determinados pelo Estado, o qual retifica e ratifica prescrições e proscricções de um patriarcado privado que passa a ser público e que se insere em todas as instituições que devem gerir e regulamentar a família em uma determinada sociedade.

Ainda segundo o mesmo autor, essa visão ultraconservadora, que torna a família patriarcal princípio e modelo das ordens social e moral fundamentam o poder dos homens em relação às mulheres, dos adultos em relação às crianças, identificando a moralidade com a força, a coragem com o domínio do corpo, inscrevendo nos direitos de família os princípios fundamentais da visão androcêntrica.

A personagem Hérnia nega veementemente essa visão, seja ela oriunda do pai ou do seu amado Lisandro. Veja como ela nega também a dominação de seu escolhido:

Enquanto isso, Hérnia e sua bagagem chegaram ao Matagal do Duque, onde Lisandro já estava esperando há algum tempo.

- O pior defeito de mulher é se atrasar.
- E o pior defeito de homem é falar mal de mulher.
- Tomei umas cinco cervejas enquanto fazia hora.
- Você acha que é fácil fazer uma bagagem para o resto da vida?
- E você acha que vai ser fácil passar o resto da vida carregando essa bagagem toda?
- Se está achando ruim, desista enquanto é tempo (FALCÃO, 2007, p. 74).

Observe-se que ela não se subordina a Lisandro, que reclama de seu comportamento feminino caracterizado pelo excesso de bagagem. Apesar de estar disposta a fugir com ele para poderem viver seu amor longe dos interesses políticos, ela não pensa duas vezes quando ele critica sua bagagem. Para ela, ele deve amá-la como ela é, não como ele gostaria que ela fosse. Seu amor próprio está acima de seu amor por Lisandro. Isso a faz demonstrar uma posse de seu próprio corpo e destino, independente daquele que esteja ao seu lado: “- Se está achando ruim, desista enquanto é tempo”. Essa resposta sugere uma personagem forte e decidida, sem as amarras às visões masculinas e/ou androcêntricas.

Hérnia defende suas idéias – *“Pretendia votar nulo. Estava apaixonada.”* - , enfrenta seu pai , *“Era dona de sua vida”* – e não se subordina ao homem que ama - *“- Se está achando ruim,*



desista enquanto é tempo”. Assim, ela escolhe sua felicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os dias as mulheres conquistam mais espaço nas sociedades, mas ainda está longe de se chegar ao que se poderia considerar ideal. Homens ainda recebem salários melhores que mulheres exercendo os mesmos cargos, ainda são chefes por serem considerados mais sensatos e imparciais que as mulheres.

O processo de desconstrução desse poder considerado natural só terá um desenvolvimento efetivo quando todos os indivíduos sociais reconhecerem ser iguais aos outros, independente de cor, credo, gênero ou qualquer outro critério que se queira estabelecer.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Millier. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BROWN, Peter. **Corpo e sociedade**: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do Cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FALCÃO, Adriana. **Sonho de uma noite de verão**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. (Coleção Devorando Shakespeare).

_____. **Luna Clara e Apolo Onze**. Ilustrações José Carlos Lollo. São Paulo: Moderna, 2002.

GODINEAU, Dominique. Filhas da liberdade e cidadãs revolucionárias. In: BUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente**: o século XIX. Tradução de Ana Rosa Ramalho *et al.* Porto: Afrontamento, v. 4, 1991.

SLEDZIEWSKI, Elizabeth G. Revolução Francesa. A viragem. In: BUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente**: o século XIX. Tradução de Ana Rosa Ramalho *et al.* Porto: Afrontamento, v. 4, 1991.